



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 18, Número 1, jan-jun, 2025, pág. 1338-1371

**O idílio midiático da maternidade/maternagem contemporâneas: ser-mãe
ainda é a realização do feminino?**

**The media idyll of contemporary motherhood/mothering: is being a mother
still the fulfillment of femininity?**

**L'idylle médiatique de la maternité contemporaine: être mère est-il encore
l'épanouissement du féminin ?**

Atália Maria Schaeken Silva¹

Ewerton Helder Bentes de Castro²

RESUMO

A mídia foi o veículo comunicativo que mais cresceu durante essas décadas, tornando-se dominador não somente na emissão de notícias, mas na propagação de ideologias, crenças, costumes e valores. Contemporaneamente, a maternidade e a maternagem têm sido produzidas como o objetivo da mulher, sua meta de vida e que o sentido de sua vida é, diretamente, proporcional a ser

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Vice-Diretora de Extensão da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: ataliamssilva@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6578-3243>.

² Pós-Doutor em Psicologia e PhD em Psicologia pela FFCLRP/USP. Mestre em Educação – PPGE/UFAM. Graduado em Psicologia pela FAPSI/Ufam. Graduado em Odontologia pelo Curso de Odontologia/Ufam. Especialista em Odontologia em Saúde Coletiva – Ufam. Especialista em Odontogeriatría/CFO. Especialista em Psicologia Hospitalar/IPEMIG. Especialista em Psicologia Forense/IPEMIG. Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial – Labfen/Ufam. Líder do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial, certificado pelo CNPq. Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – Lapfe/Ufam. Membro do GT Fenômenos psicológicos e saúde – ANPEPP. E-mail: ewertonhelder@ufam.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0009-2227-5278> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

mãe. Entretanto, observa-se que este aspecto não condiz com o objetivo de todas as mulheres. Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa foi compreender a concepção de mulheres sobre maternidade e maternagem para além do idílio midiático presente na contemporaneidade sob a ótica de Maurice Merleau-Ponty e como objetivos específicos: a) conhecer a concepção da maternidade e da maternagem na mídia contemporânea; b) compreender os impactos da mídia sobre a maternagem em mulheres que estão vivenciando, já vivenciaram ou ainda não vivenciaram a maternidade; c) elaborar material para subsidiar o acompanhamento a mulheres no que tange à maternagem e a maternidade. É um estudo sob o viés qualitativo que utilizou do método fenomenológico de pesquisa em Psicologia. O instrumento de pesquisa foi a entrevista fenomenológica que partiu de questão norteadora, apresentando seus principais desdobramentos. A análise das entrevistas foi através do referencial teórico de Maurice Merleau-Ponty, elaborando-se duas categorias temáticas: 1) **O mundo-vivido na experiência materna:** e o *Lebenswelt* se manifesta; 2) **Mídia, maternidade e maternagem:** idealizações e influências. Assim, compreendeu-se a pluridimensionalidade do olhar feminino sob a maternidade, maternagem, ser-mãe e ser-mulher no contexto midiático contemporâneo e as implicações aí presentes.

Palavras-chave: Maternidade, maternagem, mídia contemporânea, ser-mãe, método fenomenológico

ABSTRACT

The media was the communicative vehicle that grew the most during these decades, becoming dominant not only in the emission of news, but in the propagation of ideologies, beliefs, customs and values. At the same time, motherhood has been produced as the woman's goal, her life goal and that the meaning of her life is directly proportional to being a mother. However, it is observed that this aspect does not match the objective of all women. Thus, the general objective of this research was to understand the conception of women about motherhood beyond the media idyll present in contemporary times from the perspective of Maurice Merleau-Ponty and as specific objectives: a) to know the conception of motherhood in contemporary media; b) to understand the impacts of the media on motherhood in women who are experiencing, have experienced or have not yet experienced motherhood; c) to develop material to subsidize the follow-up of women regarding motherhood. It is a study under the qualitative bias that used the phenomenological method of research in Psychology. The research instrument was the phenomenological interview that started from a guiding question, presenting its main developments. The analysis of the interviews was through the theoretical framework of Maurice Merleau-Ponty, elaborating two thematic categories: 1) The lived world in the maternal experience: and the *Lebenswelt* manifests itself; 2) Media and motherhood: idealizations and



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

influences. Therefore, the pluridimensionality of the female gaze under motherhood, being a mother and being a woman in the contemporary media context was understood.

Keywords: Motherhood, contemporary media, being a mother, phenomenological method

RÉSUMÉ

Les médias ont été le moyen de communication qui s'est le plus développé au cours de ces décennies, devenant dominants non seulement dans la diffusion d'informations, mais aussi dans la propagation des idéologies, des croyances, des coutumes et des valeurs. À l'époque contemporaine, la maternité et le maternage ont été présentés comme l'objectif des femmes, leur but de vie et le sens de leur vie est directement proportionnel au fait d'être mère. Cependant, on constate que cet aspect ne correspond pas aux objectifs de toutes les femmes. Ainsi, l'objectif général de cette recherche était de comprendre la conception féminine de la maternité et du maternage au-delà de l'idylle médiatique présente à l'époque contemporaine du point de vue de Maurice Merleau-Ponty et comme objectifs spécifiques : a) comprendre la conception de la maternité et du maternage dans l'époque contemporaine médias; b) comprendre les impacts des médias sur la maternité chez les femmes qui vivent, ont déjà vécu ou n'ont pas encore vécu la maternité ; c) préparer du matériel pour soutenir le soutien aux femmes en matière de maternité et de maternité. Il s'agit d'une étude qualitative qui a utilisé la méthode de recherche phénoménologique en psychologie. L'instrument de recherche était l'entretien phénoménologique qui portait d'une question directrice, présentant ses principaux développements. Les entretiens ont été analysés à partir du cadre théorique de Maurice Merleau-Ponty, créant deux catégories thématiques : 1) Le monde vécu dans l'expérience maternelle : et le Lebenswelt se manifeste ; 2) Médias, maternité et maternage : idéalizations et influences. Ainsi, la pluridimensionnalité du regard féminin sur la maternité, le maternage, le fait d'être mère et d'être femme dans le contexte médiatique contemporain et les implications qui y sont présentes ont été comprises.

Mots-clés: Maternité, maternage, médias contemporains, être mère, méthode phénoménologique



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

O empoderamento feminino em sua pluridimensionalidade tem trazido perspectivas cada vez mais amplas acerca do ser-mulher na contemporaneidade. Nesse contexto, a luta por seu direito de ser quem ela quer ser, culminando com uma série de novos desafios e possibilidades. Contudo, apesar de todo o arcabouço de direitos adquiridos, ainda paira sobre elas um parâmetro de caráter muito duvidoso no que tange ao que é nomeado como realização. A mídia, os vários contextos socioculturais e históricos ainda mantêm um único viés para este realizar-se: ser-mãe! É neste olhar desviante - se assim podemos chamar - que este estudo busca questionar a veracidade do fato de que a realização do feminino é, diretamente, proporcional a ser-mãe.

O gênero feminino, tem sido observado sob um viés que se percebe atravessado, transgeracionalmente, desde tempos imemoriais, especificamente, na perspectiva da naturalização no que tange às concepções de maternidade e cuidados maternos. Para tanto, torna-se necessário realizarmos um resgate histórico do lugar da mulher, sua inquietude e o desejo de expandirem suas habilidades para além da configuração familiar a que pertence, apropriando-se de suas capacidades intelectuais, ampliando suas funções como mulher e profissional em quaisquer áreas de sua escolha e, ainda assim, desempenhar a função de mãe nos contextos sociais e laborais (Glitz & Fengler, 2018).

Refletindo sob essa perspectiva, cremos que para a compreensão deste estudo, precisamos apresentar algumas temáticas que, a nosso ver, compõem essa processualidade inerente ao tríduo mulher X maternidade X maternagem. Caminhando ainda além da perspectiva filosófica, sociológica e psicológica, buscaremos imbricar a relação entre a concepção da mídia sobre o tríduo acima apresentado e a concepção de mulheres que já vivenciaram a maternidade, as que estão vivenciando e as que ainda não experienciaram a maternidade e a maternagem.

Realizar uma pesquisa que busque compreender a visão da mulher contemporânea, amazônica, sobre a pluridimensionalidade do ser-mulher nos lança a perspectiva de que, ao final deste estudo, poderemos estar produzindo



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

conhecimento que possibilite lançar um olhar mais amplo e mais verdadeiro sobre o fenômeno ser-mulher e tudo o que aí se faz presente; significa que poderemos, a partir desse entendimento, possibilitar um redimensionamento do olhar da mulher sobre si mesma e, conseqüentemente, sobre o idílico pensamento elaborado pela sociedade de consumo em que vivemos e pelo arcabouço midiático que, maioria das vezes, fomenta e corrobora esse olhar.

No que tange à formação em Psicologia, principalmente, poderá resultar em discussões que fomentem um viés crítico no fazer do futuro psicólogo de forma que consiga tangenciar hermetismos teóricos que mantêm a mulher no lugar muito aquém de sua importância enquanto um ser-de-possibilidades para além de constructos que minimizam seu valor, para além de teorizações maniqueístas e sem quaisquer fundamentos legítimos.

Dessa forma, problematiza-se: *“Como é se refletir mulher contemporânea diante de um instrumento midiático que ainda propaga que a realização de feminino é a maternidade e a maternagem?”*, para então alcançar o objetivo do presente artigo: *“Compreender a concepção de mulheres sobre maternidade e maternagem para além do idílio midiático presente na contemporaneidade sob a ótica de Maurice Merleau-Ponty”*.

Maternagem X maternidade

Para alguns segmentos sociais, estes dois termos se confundem, como se fossem sinônimos. Entretanto, não é dessa forma. Por isso, precisamos ter bem claro em nossas mentes, o que são um e outro. No período gravídico, com o filho em seu ventre, inicia o sentir-se mãe de modo mais intenso. Contudo, a intensidade e a vivência da maternidade são relacionadas, diretamente, às influências que essa mulher sofre de seu nicho sociocultural e histórico.

Assim, ao falarmos sobre maternidade, referimo-nos ao contexto orgânico, ou seja, ao crescimento e desenvolvimento do feto, sua bagagem genética e que vêm ao mundo, maioria das vezes, aos 9 meses de gestação. Dessa forma, há um intercurso onde estão presentes início, meio e fim. Esse é



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

o curso da maternidade, o como ocorre, se parto natural, cesárea, humanizado ou não, é que corresponde à variação da situação.

No que diz respeito à maternagem, falamos da relação estabelecida entre mãe e o bebê, a afetivo-emocional, presente desde a concepção e, observada em sua magnitude quando do nascimento do feto. Maternagem é a qualidade desta relação, o estabelecimento desse vínculo, o acolhimento desse bebê, como o afeto e o carinho são ofertados e como essa mãe atende às necessidades físicas e, principalmente, emocionais desse filho. Autores revelam o quão é fundamental para o desenvolvimento saudável da criança a boa maternagem (Gradwohl, Osis & Makuch, 2014; Glitz & Fengler, 2018; Baluta & Moreira, 2018; Stellin, Monteiro, Albuquerque & Camara Marques, 2011).

A perspectiva maternagem é oriunda de Winnicott (1956/2000), ressaltando que o cuidado materno para com o filho não estava restrito apenas ao suprir as necessidades básicas do bebê, mas a uma disponibilidade psíquica, que o autor nomina como maternagem. E nesse percurso, a imagem da mulher passa por modificação, uma vez que, a maternagem passa a ser, extremamente, valorizada e os cuidados relacionados a essa atividade passam a ser exclusivos da mãe, competindo a ela cuidar e amamentar. Eis o surgimento do propalado instinto materno, enfatizando que a maternidade era tendência feminina inata, assim como a maternagem, pois se somente elas poderiam gestar, eram elas as pessoas mais apropriadas para criar os bebês (Gradwohl, Osis & Makuch, 2014).

No início do século XIX ocorreu a exaltação social da maternidade e da maternagem. Observa-se maior valorização social da mulher resultando em sua responsabilização no que tange ao lar e a formação de novos cidadãos. Algumas mulheres passam, a partir desse momento, a desejar alguns adjetivos como “mulher-mãe”, “rainha do lar”, termos agregadores de respeito às chamadas mulheres modernas. Dessa forma, quanto mais assumia responsabilidades dentro do lar como mãe e educadora, maior o status adquirido junto à sociedade que valorizava o devotamento e o sacrifício em benefício da família e dos filhos.

A mídia e sua concepção de maternidade e maternagem



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Com o avanço das tecnologias no século XXI, a mídia foi o veículo comunicativo que mais cresceu durante essas décadas, tornando-se dominador não somente na emissão de notícias, mas na propagação de ideologias, crenças, costumes e valores. Desse modo, é cada vez mais intrínseco a ligação entre mídia, maternidade e maternagem, na qual a indecente “oferta de produtos de informação voltados para a criação de filhos sinaliza os processos comunicacionais como espaço privilegiado de prescrição dos procedimentos necessários para o exercício adequado da maternagem” (Tomaz, 2015, p. 155).

Segundo Renata Tomaz (2015), programas de rádio e TV, blogs, portais de conteúdo especializado, revistas, colunas em jornais e manuais são alguns exemplares de meios de comunicação que auxiliam na massante realidade feminina, em que a mulher é bombardeada, diariamente, por conteúdos interessados na “correta” construção social da maternidade e da maternagem. Em especial, as redes sociais, pois, atualmente, é o meio midiático mais acessado do mundo, tornando-se um poderoso canal de acesso para que todos possam “curtir, comentar e compartilhar”.

A maternidade tem sofrido um processo de romantização como produção de sentido, e esse movimento persiste no imaginário - consequentemente no discurso - das mais diversas áreas e veículos de comunicação, tendo em vista que, a maternidade é uma condição social. É interessante observar as representações do feminino na mídia brasileira, já que a mulher é naturalizada na condição de mãe (Baluta; Moreira, 2018).

Não restam dúvidas de que existe um incontável número de mulheres realizadas com a maternidade e tem conseguido superar crises, conflitos pessoais e relacionais, mostrando-nos que o amor materno existe. Porém, não podemos insistir no entendimento de que todas as mulheres, quando na condição de mães, amam seus filhos de modo incondicional e igualitário. Não podemos apenas crer no discernimento, e falsa aceitação, da opção das mulheres poderem decidir sobre a maternidade, repetirem a beatitude do papel social do ser mãe e da precípua responsabilidade por seus filhos. Esse



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

movimento último, continua a ser incentivado, induzido e condicionado às novas gerações, de forma explícita ou subliminar, por vias religiosas, culturais e do consumo, a mídia encaixando-se amplamente nesta última acepção.

Desse modo, estabelece-se um parâmetro sociocultural que precisamos discutir: se a mídia influencia de tal forma nosso modo de ser-no-mundo, até que ponto o que esta engrenagem produz influencia o olhar das mulheres sobre a maternidade e a maternagem, a tal ponto que, muitas vezes, a maioria das pessoas não consegue dissociar ou mesmo compreender as dimensões diferenciadas presentes na vivência dessa díade.

Fenomenologia do Ato: o corpo que experiencia o mundo e o interpreta

O termo Fenomenologia nos remete, de imediato, à busca por um método que trouxesse tal rigor que, a pari passu, a ciência poderia redimensionar a produção daí oriunda para o ser humano, ou seja, para “as coisas mesmas”, conforme pressupôs seu sintetizador, Edmund Husserl.

Para o matemático austríaco, sempre haveria muito mais do que se imaginava entre o zero e o número um. Dessa forma, buscou elaborar um método cujo parâmetro fundamental fosse o de retornar ao ser humano o olhar científico do qual se afastara. Para Husserl, diante das crises da ciência européia, o mais importante não é o resultado em si, mas a origem do pensamento científico voltando-se para a experiência humana propriamente dita, o mundo-vivido ou Lebenswelt.

Seguidor das idéias do mestre Husserl, Maurice Merleau-Ponty elabora o pensamento fenomenológico a partir da constituição do ser humano como um ser encarnado, um ser em carne. Desse modo, o estar encarnado significa compreender que enquanto seres humanos, estamos mergulhados no mundo pelo corpo que se apropria e atribui sentido a esse mundo. Melo (2020) corrobora com essa acepção ao considerar que é o homem que torna o mundo mundo, tal como o significa pelo ato. Assim, qualquer que seja a investigação que façamos sobre o existir humano precisa buscar revelar as nuances do



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

encontro entre homem e mundo. Portanto, o homem em situação no mundo é o fenômeno a ser pesquisado em seu contato entre organismo e o meio, no campo, o ato. E o corpo é o lugar primeiro desse contato.

Ora, o corpo é inteiro, pessoa. E, desse modo, só há pessoa no corpo que se revela diante do outro eu pelo ato. O autor ainda nos traz que o ato é perspectivo, anunciador, ou seja, motivado pelo e para o futuro que anuncia um projeto a ser realizado (Melo, 2020). Isso nos remete a refletir que Husserl faz do corpo o “berço original” de toda significação, tendo em vista que, é por seu intermédio que a consciência pode ser consciência de alguma coisa. Afinal, seria resultado nulo pensar realidade espiritual, sujeito, subjetividade sem o corpo. O corpo é palco das significações da experiência humana.

Corpo é ato. É a experiência do contato com o mundo. É o que atribui sentido às vivências propriamente ditas. Merleau-Ponty (2011) nos traz a perspectiva da percepção para além do mero perceber, designa a percepção como um elemento do corpo. Assim, o que percebo? Como percebo? O que está sendo percebido? Observemos que são questionamentos que nos lançam para além do constructo teórico única e exclusivamente.

É na experiência do corpo que maternidade e maternagem coabitam. Daí, precisamos redimensionar o olhar sobre o corpo materno, o corpo da mãe que, não é apenas o que a cultura nos tem feito crer. Entretanto, para compreendermos os fenômenos maternidade e maternagem a necessidade de enveredarmos pela estruturação teórica do filósofo francês. O corpo é ato ou é o ato que designa o corporificado?

Metodologia

Delineamento do estudo

O presente estudo terá como metodologia a abordagem qualitativa de pesquisa. A pesquisa qualitativa diz respeito a aspectos muito particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, trabalha com um “universo de significados, motivos, aspirações, crenças,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

valores e atitudes” (Minayo, 2015), associando-se ao espaço profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reproduzidos a uma interação de variáveis. A abordagem qualitativa imerge no mundo de significados e de relação humana, tendo como objetivo central a compreensão da realidade humana, detentora de crenças, valores, atitudes e hábitos. O significado seria o conceito central desse tipo de estudo, trabalhando vivências, experiências e a cotidianidade (Meira & Castro, 2023; Minayo, 2015; Giorgi & Sousa, 2010).

Método

O método fenomenológico de pesquisa em Psicologia, de Giorgi & Souza (2010), foi utilizado na presente pesquisa, seguindo o conceito epistemológico de consciência intencional, o qual introduziu algumas mudanças em relação ao método filosófico, de modo a que este possa ser transportado para o contexto da investigação científica (Giorgi & Souza, 2010; Pereira & Castro, 2019; Castro, 2021).

Local de estudo

A entrevista áudio gravada pela plataforma Google Meet foi realizada no local em que as participantes se sentiram mais confortáveis.

Instrumento de Pesquisa

Foi utilizada a entrevista fenomenológica onde o critério fundamental é, tanto quanto possível, obter descrições tão detalhadas e concretas das experiências das participantes. Os pesquisadores certificaram-se da adequabilidade das descrições, assegurando quanto, a partir destas, foi possível gerarem-se diferentes estruturas de significados de caráter psicológico, sobre o tema de estudo. Para isto, tornou-se importante a descrição específica e concreta tanto quanto possível, relacionada não tanto ou apenas com racionalizações apresentadas pelas participantes da pesquisa, mas com a



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

subjetividade incorporada, tal como é experienciada na vida cotidiana (Giorgi & Souza, 2010; Pereira & Castro, 2019).

Acharán (2014) em seu estudo revela que o objetivo da entrevista de natureza qualitativa é o de obter descrições do mundo experiencial, do mundo da vida do entrevistado e suas explicitações de significados sobre os fenômenos descritos. Assim, o objetivo de uma entrevista de pesquisa e/ou investigação, no domínio da investigação fenomenológica, é uma descrição tão completa quanto possível da experiência vivida dos participantes sobre um determinado fenômeno de estudo. A proposta, neste estudo, foi realizar entrevistas áudio gravadas através da plataforma digital Google Meet, utilizando gravador digital com as participantes e, posteriormente, realizadas as transcrições destas, para em seguida ser feita a análise dos dados.

A pergunta norteadora foi: como você compreende a maternidade e a maternagem? Principais desdobramentos: como você percebe a visão da mídia sobre a maternidade e a maternagem? Até que ponto influenciou, influencia ou influenciará você sobre a maternidade e a maternagem?

Procedimentos

Foram considerados os seguintes aspectos: a) Apresentação dos objetivos da pesquisa a algumas mulheres previamente contactadas; b) solicitação de indicação de outras possíveis participantes; c) solicitação da aquiescência das prováveis participantes para sua participação voluntária no estudo; d) assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelo Google Formulários; e) início das entrevistas após a assinatura do TCLE pelas participantes da pesquisa. O parecer do CEP recebeu o CAAE: 80215424.8.0000.5020 e aprovado na reunião de 11 de julho de 2024.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Análise de dados

Elegeram-se o método fenomenológico-psicológico idealizado por Giorgi e que possui os aspectos designados a seguir. Amedeo Giorgi, trilhando a mesma proposta do método fenomenológico de investigação em psicologia, sistematizou um método constituído por uma componente descritiva, configurado por quatro passos, explicitado em seguida: 1º passo) estabelecer o sentido do todo; 2º passo) Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado; 3º passo) Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico; 4º passo) Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

A partir deste momento, conforme pressuposto na perspectiva da análise dos dados, apresentamos as Categorias temáticas e suas subcategorias.

1. O mundo-vivido na experiência materna: e o *Lebenswelt* se manifesta!

Adentrar a maternidade e a maternagem, lança essa mulher em experiências até então não imaginadas. Desse modo, suas falas trouxeram seus olhares sobre maternidade X maternagem, as dificuldades inerentes à processualidade do ser-mãe.

1.1 Maternidade *versus* Maternagem: possibilidades de compreensão

Considerando a perspectiva do questionamento realizado com as participantes, observa-se, ainda muito presente, o quanto não conseguem estabelecer a diferença entre os termos. Maternidade é o período gravídico, propriamente dito; já a maternagem corresponde ao olhar que essa mulher lança sobre si mesma, sobre a vida, sobre o mundo a partir do momento em que se torna mãe. Poderíamos dizer que a primeira é totalmente orgânica, enquanto a segunda é emocional, psíquica.

Maternidade e maternagem se locupletam



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Então assim, eu acho que a maternidade, a maternidade que eu falo é no sentido amplo, tanto o físico quanto emocional, ela é, é uma questão de doação. **Mulher-Maravilha** (Casada, entrevista realizada no dia 21 de maio de 2024)

A maternidade em si é todo aquele vínculo que a gente tem né com o nosso filho, e afins, e a maternagem, ela já se caracteriza melhor como um apego? **Tiana** (Solteira, entrevista realizada no dia 07 de maio de 2024)

Olha, são coisas que poderiam até ser sinônimos, né, mas? Não são, né? A maternidade é o ato de ser mãe. Né? Na minha compreensão, muitas vezes o ato de ser mãe não leva a pessoa a ser a mãe de fato, né? A mãe biológica, a maternidade. Eu compreendo como a mãe biológica e a maternagem eu compreendo como o cuidado, o amor, o afeto, né? Tudo, tudo, todas as questões que vão para além duma... eh, de algo fisiológico. **Fiona** (Casada, entrevista realizada no dia 21 de maio de 2024)

A maternagem vai muito além do processo gestacional. É o ato de gerar com a alma e o coração! É uma vivência tão profunda entre ser-com-o-outro que somente quem a experimenta pode tentar descrever tamanha entrega e vínculo. As narrativas feitas nas entrevistas com as mulheres que são mães foram ditas para além das palavras (Merleau-Ponty, 2014; Heidegger, 2015; Castro, 2021). Ao voltar no momento em que seus filhos nasceram, movimento esse que Heidegger (2015) vai definir como temporalidade, observou-se que sentiam, novamente, as emoções que permearam a sua historicidade. Elas se fizeram presente, sentindo em corpo, alma e espírito (Dupond, 2010; Frankl, 1984; 2021; Manganaro, 2016).

Castro (2021, p. 53) demonstra como a Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty (2011) concebe a consciência perceptiva “como consciência aberta ao mundo, pois está no corpo”. Dito isso, a magnitude de vivenciar a experiência da maternidade e da maternagem está neste corpo que percebe,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

que sente, que vive a experiência (Castro, 2021; Merleau-Ponty, 2011; 2014; Dupond, 2010).

Doação

Inicialmente quando a gente vai ter um filho a gente só se doa, a gente não tem aquele... porque assim, tudo que a gente faz da nossa vida a gente espera um retorno, né? Assim a gente trabalha pra ser remunerado, a gente faz alguma coisa para obter um retorno e a maternidade, assim, pelo menos nesse primeiro momento né? (risada) É só uma doação que você faz assim sem esperar, você dá o seu melhor sem esperar algo em troca, porque o bebê, o neném, a criança ela ainda não, ela ainda não tem assim, noção, né, do tanto que tu te sacrifica, que tu, que você se doa. Doação assim é a palavra assim que vem mais assim na minha cabeça, ficou claro? **Mulher-Maravilha** (Casada, entrevista realizada no dia 21 de maio de 2024)

Recompensa

Mas assim isso (pausa) não tem essa recompensa direta “né”, mas tem a questão do, que mesmo a criança sem saber ela está lhe trazendo alegria, ela tá dando um sorriso que te alegra e te anima e tu vai vendo a criança, e se desenvolvendo, crescendo bem e querendo ou não, se teu filho tá bem, você tá bem, e isso é uma recompensa risada aí (pausa) é isso, tu tem uma pergunta mais específica? **Mulher-Maravilha** (Casada, entrevista realizada no dia 21 de maio de 2024)

Vínculo com a filha

E eu sempre conto que a xxxxxx ela, ela ... eu posso usar essa palavra assim, vai ficar, vai soar meio forte, mas ela salvou minha vida assim porque desde quando ela nasceu assim, parece que eu tenho a sensação que desde quando ela saiu do meu ventre, parece que saiu também uma nova mulher, sabe? Eu me tornei uma pessoa muito mais responsável, muito mais humana. Muito mais paciente. Aquela coisa assim, sabe? Ela é o meu gás para eu vencer, eu acordar todos os dias



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

e eu ir atrás dos meus objetivos. Sempre que eu penso em desistir de alguma coisa de algum projeto, eu olho para ela e eu vejo o quanto ela é uma criança incrível. E aquilo ali me dá uma força, sabe? **Rhaenyra** (Divorciada, entrevista realizada no dia 23 de maio de 2024)

A vida é permeada por sentido, e ao vivenciar algo novo, diferentemente, daquilo que se esperava ou se acreditava, percebe-se que também novos sentidos e significados acabam surgindo na caminhada das mulheres contemporâneas. Viktor Frankl (2022, p. 46-47) corrobora essa perspectiva ao afirmar que “a vida sempre oferece uma possibilidade de realização de sentido. Facultativamente ela sempre tem um sentido. Inclusive seria possível dizer que a existência humana permite ser moldada com sentido ‘até o último suspiro’”. Então, pela gama de sentidos e significados coletados, formou-se duas subcategorias para explanar a profundidade e o alcance que a temática possuiu.

1.2 A pluridimensionalidade do falar sobre Maternidade e Maternagem: dificuldades que geram *mix* de emoções

Aspecto trazido por uma das mães diz respeito às dificuldades inerentes, inicialmente, à gravidez, tendo em vista que não conseguia o tão almejado status de ser-mãe em decorrência a problemas a nível orgânico, tendo três períodos gravídicos, sendo dois interrompidos. A emoção de Mulher Maravilha ao relatar sua história está, marcadamente, presente pela comoção exacerbada ao falar sobre conseguir manter uma gravidez.

Eu vou falar chorando mesmo assim (voz chorosa) (pausa) eu me emociono porque, pra mim ter meu filho eu tive muita dificuldade de engravidar. Então antes de eu engravidar do Israel que é o nome do meu filho, eu tive dois abortos (pausa) uma gravidez ectópica, eu não sabia que eu tava grávida, passei mal aí fui parar no hospital e tiveram que tirar uma trompa minha (pausa) e outro aborto espontâneo que eu já



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sabia que eu tava grávida. **Mulher-Maravilha** (Casada, entrevista realizada no dia 21 de maio de 2024)

Já para a jovem Tiana, somente o fato de pensar e refletir acerca de se tornar mãe um dia, desencadeou uma série de angústias por conta das dificuldades que a maternidade e a maternagem carregam em sua realidade.

Então, eu me vejo na maternidade assim como um lugar que, muito pesado. Um lugar que eu talvez não me veja dentro por bastante tempo, não me vejo dentro sem passar por, sem ter uma vida muito bem estabilizada e um psicológico muito muito bem estabilizado, porque todas as situações que possam vir a acontecer por conta de uma maternidade não só a gravidez e ter o filho, é todo aquele *background* sabe? Eu acho muito pesado, então eu não consigo me enxergar tão bem dentro da maternidade ainda, não sei se esse pensamento mudaria conforme os anos, mas é isso assim. **Tiana** (Solteira, entrevista realizada no dia 07 de maio de 2024)

E quais são essas dificuldades? Rhaenyra e Fiona compartilham de modo muito próprio alguns fragmentos de toda uma experiência que é tanto singular como pluridimensional para cada mulher que se percebe e se transforma como mãe.

Minha mãe quando me teve, ela teve muito problema com estria na barriga. E eu tive todo cuidado, eu pedi assim, nossa lembro que na época eu encomendei óleos, trouxe dos Estados Unidos até. Mas não teve como, minha barriga ficou toda marcada. Agora, sim, está sumindo um pouco, fiz um plano de tratamento também, mas ainda assim ficou e chega um momento assim que tu não se reconhece, que parece que tu só é uma coisa assim que tá com um bebê, que tu sabe que tem que proteger [...] Eu acho que a maternidade, ela é algo assim, doloroso, digamos assim, é um doloroso, bom, no sentido de você abrir mão de muitas coisas da sua vida. Você passa muitas dores que só você sabe assim, aquela pressão, sabe? Eu sei que também, que essa pressão não



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

é toda mulher que vai ter, mas eu tenho muito. Eu me preocupo muito com ela, com o futuro dela. Eu não acho legal as pessoas idealizarem a maternidade porque ela é uma coisa muito dolorosa. Aquele primeiro ano, 3 primeiros meses da criança, você não vive, você só existe, e é dor. Dói o peito, eu tive muita febre porque meu peito rachava e eu não conseguia e eu não sabia dar de mamar, então eu sempre também fui muito sozinha com a xxxxxx. E te confesso que às vezes eu tinha vontade de sumir, ao mesmo tempo que queria botar ela dentro da mala e fugir junto comigo, sabe? É um *mix* de sentimentos muito grande que se você não tiver uma boa saúde mental, você acaba pirando. Por tudo, por pressão, por essa competição que eu te falo entre pessoas próximas mesmo de você. **Rhaenyra** (Divorciada, entrevista realizada no dia 23 de maio de 2024)

Na maternidade... ser mãe é muito difícil, independente de você assumir ou não esse papel, porque, a realidade hoje... Eh hoje... Nós que somos mulheres que precisamos, eh, contribuir com renda familiar, precisamos sair de casa para trabalhar, eh, nós temos um desafio muito grande, porque quando nos foi oportunizado, eh, trabalhar fora, realizar nossos sonhos e contribuir, ser uma pessoa participante da do arrimo da família ou muitas vezes ser esse arrimo, não nos foi retirado certas obrigações com e, pelo contrário, foi acrescido. Então, por mais que não seja você a pessoa, que crie a pessoa, que esteja com essa criança, mas o processo de gerar ele é complicado. As dores e as angústias, os medos, as frustrações. Então, tudo isso impacta de alguma forma na mulher. E aí eu não estou falando de uma gravidez, eh, problemática. Estou falando uma gravidez normal, né? Com só o ciclo de gravidez normal. **Fiona** (Casada, entrevista realizada no dia 21 de maio de 2024)

Diante de tantas facetas, compreende-se a imensidão de realidades que afetam o ser-mãe de maneira dolorosa. As árduas dificuldades apresentadas na história de cada uma, sejam adversidades sócio-histórico-político-econômico-



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

culturais (Bernardino, 2021), ou sejam mudanças no corpo, privações, crises relacionais, desamparo, abandono, solidão, impasses, pressões externas e internas (Castro, 2021), demonstram os desafios que o ser-mãe carrega e que pouco se abraça, acolhe, escuta, cuida.

A mulher é vista como cuidadora de tudo e todos, e na contemporaneidade, nota-se que mais tarefas estão sendo atribuídas a ela. Então, como dar conta? Como as mulheres mais jovens poderiam aspirar e compartilhar dos mesmos desejos e anseios que as gerações passadas a elas? Como a mulher poderia se manter no ideal feminino? Enraizado não somente pelas civilizações ocidentais patriarcais antigas (Bernardino, 2021), mas também pela nova era da tecnologia (Silva; Japur & Penaforte, 2020).

1.3 Ser-mãe: uma jornada repleta de incertezas

Questionar uma mulher já na condição de mãe e grávida, novamente, e uma mulher solteira, mostra-nos que as concepções sobre o ser-mãe são quase antagônicas. Enquanto a primeira, casada, a preocupação é no sentido de dar autonomia a seu filho já nascido e ao que irá nascer, evitando lançar os filhos no que chama dependência emocional, a segunda, por sua vez, olha a possibilidade de ser-mãe como uma experiência equidistante, pesada e que, na sua fala deixa explícito, precisa de estrutura no que tange tanto à financeira quanto à psicológica.

Assim o meu filho, e eu creio que o outro que vai nascer vai ser também assim sabe, eu tento dar o máximo de atenção, de carinho que eu posso, eu não, eu não acho que assim, eu não quero que meu filho seja dependente emocionalmente de mim, embora eu saiba que uma criança ela tenha dependência “né”, o bebezinho, uma criança é dependente dos pais, mas eu tento não criá-lo de maneira que ele fique assim dependentes assim “ah só quero brincar se for perto da minha mãe” assim sabe [...] eu tento assim equilibrar, dar o apoio emocional que ele precisa mas sem criar uma dependência emocional, por que eu sei que



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

um dia ele vai crescer, ele vai embora, vai ter uma família e não vai querer mais saber de mim (risos). **Mulher-Maravilha** (Casada, entrevista realizada no dia 21 de maio de 2024)

Eu me vejo querendo e tentando ser mãe só quando eu realmente... quando eu sair de casa, quando eu tiver estável cem por cento, não só financeiramente, mas em todos os pilares, tanto com o parceiro, tanto comigo mesma, tanto com a minha casa própria, enfim, estando estável na vida, porque eu não sei como a minha mãe reagiria. Eu acho que ela reagiria de forma bem diferente se eu virasse mãe estando, por exemplo, debaixo do teto dela; e virasse mãe já, eu lidando com uma vida. **Tiana** (Solteira, entrevista realizada no dia 07 de maio de 2024)

A teoria, as hipóteses e as especulações, em tese, preparam para a prática, porém o ser-mãe revela como a experiência vai muito além de todas as expectativas. É a jornada das constantes incertezas que constituem cada uma como mãe e mulher (Castro, 2021).

E é incrível, desde quando eu descobri que eu estava grávida assim, a gente às vezes acha que “Ah tem um manual como ser mãe”, né? Mas não tem um manual como ser mãe. Eu acho que aquilo ali é uma coisa que vai se transformando dentro da gente. **Rhaenyra** (Divorciada, entrevista realizada no dia 23 de maio de 2024)

Muitas vezes é esquecer de si em prol do seu filho e muitas vezes, muitas vezes você deixa de sentir a sua dor, você anula na verdade a sua dor para cuidar do seu filho. E aí eu acho que os desafios são muito grandes, acho que esse ser mãe de fato, ser mãe presente, ser mãe é viver. **Fiona** (Casada, entrevista realizada no dia 21 de maio de 2024)

Viver a maternidade e a maternagem apresentou-se como algo único, pois, congruente a esses fenômenos, novas perspectivas, possibilidades, potencialidades, saberes, sentidos e significados nascem junto com o bebê, compreendendo-se que a mulher sente como se estivesse re-nascendo, já que surge um novo fragmento dela, o qual é ser-mãe. No entanto, tal fração



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

consegue englobá-la por inteiro, mudando tudo, como um marco espaço-temporal em sua historicidade: antes de ser-mãe/depois de ser-mãe.

Vale salientar que o novo é incerto, logo não houve e não há como se fazer acepção de ser-mãe como sinônimo de utópica felicidade nesta pesquisa, ao contrário. A sensação e a percepção que o corpo experimenta de re-nascer quando a mulher se torna mãe é algo magnífico e imensurável, digno e válido de escuta, acolhimento e cuidado (Castro, 2021), pois é permeado por profundos afetamentos, transformações e vivências, as quais vão muito afora dos ideais contemporâneos que serão discutidos na próxima categoria sobre ser-mulher e ser-mãe.

2. Mídia, maternidade e maternagem: idealizações e influências

A configuração midiática tem propiciado inúmeras concepções acerca dos mais variados temas, dentre estes, a idealização do feminino, e, neste caso específico, a maternidade e a maternagem, em tentativa de consubstanciar visão quase modelar do feminino, lançando e propondo perspectivas que, as participantes deste estudo, trazem como influências.

2.1 O olhar sobre a Mídia e o ideal feminino

Com a expansão acelerada da internet e seus meios de comunicação, inteligência e tecnologia, observou-se na contemporaneidade uma contradição nas relações: o quanto os relacionamentos presenciais estão apartados e o tanto que as relações à distância estão cada vez mais próximas e, conseqüentemente, afloradas, porém voláteis. Zygmunt Bauman (2001, p. 7) explica que “essas são razões para considerar ‘fluidez’ ou ‘liquidez’ como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade. [...] Em outras palavras, a modernidade não foi ‘fluida’ desde sua concepção?”.

A partir da indagação de Bauman (2001), como descrever tal fenômeno que nasce na modernidade, mas que se perpetua, diariamente, na



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

contemporaneidade? Silva, Japur & Penaforte (2020, p. 2) em sua revisão integrativa de literatura chegaram nos seguintes resultados:

Fatores sociais estão intimamente relacionados à insatisfação corporal, com destaque para a influência da mídia, que é considerada um dos principais fatores de risco para essa insatisfação (Conti, et al., 2010; Thompson et al., 1999). A mídia de comunicação em massa, como revistas, televisão e internet, está impregnada de imagens de corpos idealizados, magros, delicados e bem torneados, que geram comparações de aparência e interferem na percepção que construímos de nosso próprio corpo e, conseqüentemente, contribuem para a insatisfação que temos com ele. Essas imagens também podem promover ideais inalcançáveis de beleza, uma vez que se distanciam muito dos corpos da maior parte da população (Marcuzzo et al., 2012; Campos et al., 2016; Derenne & Beresin, 2006).

Bernardino (2021, p. 48) elucida que “ser o ‘segundo sexo’ coloca a mulher sob uma alienação corporal, afirmada pelo conjunto cultural e que deteriora sua subjetividade”. Assim, a mulher é impelida a uma estrutura social que objetifica seu corpo e estabelece que sua experiência corpórea seja não de um corpo, mas de uma coisa, sendo inibida por um conjunto de elementos e relações sociais, os quais limitam suas potencialidades e possibilidades (Bernardino, 2021).

Nessa perspectiva, o ser-mulher é visto como coexistente ao principal viés atrelado a ela: o de ser-mulher de um homem e, posteriormente, de ser-mãe dos seus filhos. E tal imposição não pode ser elaborada de qualquer forma, é necessário ser a mãe e a mulher perfeita: eis o ideal feminino! Esta ótica permeia a constituição das civilizações humanas há milênios, no entanto, com o surgimento do quarto poder midiático tais deveres começaram a desencadear novos fenômenos, os quais Tiana, Rhaenyra e Fiona experienciam e compartilham, mesmo em etariedades e contextos distintos.

A visão da mídia, hoje em dia a gente tem tiktok “né”, que todo tem, todo mundo é viciado, e o tiktok tem esse nicho de maternidade e muitos assim



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

que eu vi que, acidentalmente eu acabo acompanhando também, é uma maternidade muito romantizada de uma forma que particularmente eu não acho muito legal, romantizar maternidade que é um processo tão dolorido pra tantas mães, tantas mulheres, romantizando assim de uma forma em que que mostra assim muito fácil como se certos problemas só acontecessem com alguém que é muito azarado por exemplo [...] Eu vi um vídeo de uma mulher em que ela falava que tem mulheres que não nasceram pra ser mães, e que todos os problemas que ela apontava, de mulheres que “não mereciam ser mães” entre aspas, eram problemas de maternidade reais e não uma maternidade 100% fantasiada como era a dela, então que essa visão da mídia de sempre romantizar e de falar “não, não é pesado, você realmente tem que aguentar o tranco por quê se tu tá muito cansada, é um problema, se tu tá se sentindo sobrecarregada é um problema, tu não pode chorar, tu tem que fazer tudo, tu tem que largar tudo pra cuidar do teu filho” porque meio que é o que acontece porque a maioria das mulheres não tem aquele amparo dos familiares, do próprio parceiro, então eu acho que a visão da mídia é uma visão bem distorcida da realidade, não acho que é uma visão que ajuda muitas mulheres infelizmente mas essa é a visão da massa da mídia. **Tiana** (Solteira, entrevista realizada no dia 07 de maio de 2024)

Eu tenho meu negócio financeiro na internet, então eu estou muito presente. Eu lembro que eu acompanhava muito na época que eu estava grávida. Eu super firme na maternidade, né? Às vezes eu ficava até me punindo ali, meu Deus do céu, como é que eu não consigo ser tão perfeita assim? Como é que eu não consigo amanhecer e ver? E quando na verdade, por detrás tinha uma babá, tinha alguém. E eu era muito sozinha, né? O pai dela é militar. Ele ficava muito tempo fora, eu ficava muito tempo sozinha com ela. Minha mãe me ajudava assim, mas também eu acabava não exigindo muito da minha mãe, porque eu sabia que ela tinha as coisas dela e eu ficava sozinha e eu, meu Deus, a mulher amanhece linda o



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

cabelo e eu sei lá, meio-dia, e eu não tinha conseguido nem escovar meu dente, porque eu tinha que fazer as coisas, entendeu? Tu fica naquela competição mental assim, com uma pessoa que nem sabe da tua existência. **Rhaenyra** (Divorciada, entrevista realizada no dia 23 de maio de 2024)

Sim, eh, primeiro que a mulher, ela já é pressionada. Há uma estrutura tradicional do casamento, da procriação, né? E, mais uma vez, né? Quando ela quer alcançar os seus objetivos, ela tem que dar conta de tudo isso e mais um pouco. E se manter linda e se manter com o cabelo pintado, a unha feita, se manter feliz. Uma felicidade ilusória, né? **Fiona** (Casada, entrevista realizada no dia 21 de maio de 2024)

Compreende-se, então, que a mídia possui poderosa influência na vida dos seres-contemporâneos, em especial, na existência das mulheres, sejam elas mães ou não, independente também de faixa etária, já que Tiana tem 19 anos; Rhaenyra tem 33 anos; Fiona tem 41 anos. Tal intervenção na vida dessas mulheres mostrou-se repleta de ilusões e ideais distorcidos, reforçando aquilo que Silva, Japur & Penaforte (2020) encontraram na sua pesquisa, como o quanto a insatisfação corporal acarretada pela mídia, especialmente, pelas redes sociais, “pode desencadear doenças de ordem física e psíquica, como o desenvolvimento de transtornos alimentares, depressão, baixa autoestima, comparação social, ansiedade, aumento de cirurgias plásticas estéticas e diminuição da qualidade de vida” (Souza & Alvarenga, 2016, p. 2).

Assim, que influências estão se constituindo através da mídia e como ela está influenciando a vida das mulheres no contexto de maternidade e maternagem, mas também das mulheres que podem ou não estarem inseridas nele futuramente? Para discutir essas questões, elaborou-se as duas subcategorias seguintes.

2.2 As influências



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Um dos recortes trazidos pelos excertos de discursos das participantes é o que tange às influências observadas por cada uma delas acerca da maternidade e da maternagem. Percebe-se que há um misto de perspectivas, conforme observa-se nas falas subsequentes:

A certeza

Eu acho que com certeza assim, a mídia influencia, agora se “pro” bem ou se “pro” mal aí depende, mas eu acho que com certeza influencia. [...] eu posso falar que sim que me influencia positivamente assim, por que ele amplia o teu conhecimento “né”, por que eu tô num lugar aqui que eu não conheço ninguém que eu não converso com muita gente, então as informações que eu tenho são basicamente o que eu pesquiso, o que eu vou atrás então, então é isso influencia bastante. **Mulher-Maravilha** (Casada, entrevista realizada no dia 21 de maio de 2024)

Os paradoxos

Eu acho que vai me influenciar de uma forma que eu não vou ter tanto aquele desejo de maternidade, de ser mãe, assim nos meus vinte e vinte e poucos anos.. eu acho que ele passa uma influência de uma forma em que que é algo que eu não vou conseguir passar por exemplo, então eu acho que provavelmente de tanta coisa que eu vi de tanta assim, sendo bombardeada de tanto conteúdo de diversas formas seja positivo ou negativo, me influencia a ver que isso não é pra mim, ainda pelo menos [...] Então acho que causa uma sobrecarga além da maternidade em si, ainda tem a mídia, que causa ali uma exaustão de se comparar, muita comparação do tipo “por que tá sendo tão difícil pra mim e pra essa pessoa é tão fácil a maternidade? tão linda, tudo tão sem nenhum problema, e a minha eu tô tão cansada, eu não nasci pra ser mãe, eu sou uma péssima mãe?”, então eu acho que tem esses dois extremos de afetar tanto pro lado bom quanto pro lado ruim, e é isso. **Tiana** (Solteira, entrevista realizada no dia 07 de maio de 2024)



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Olha as redes sociais, ela é uma faca de 2 gumes, né? Eh, é necessário ter uma? Ah, medida muito equilibrada pra utilização delas, né? [...] Eh, a exposição né? Desta maternagem, ela, de alguma forma, ela é tanto prejudicial quanto benéfica. **Fiona** (Casada, entrevista realizada no dia 21 de maio de 2024)

Uma complexa conexão

Tem alguns perfis que eles idealizam muito como aquela coisa muito linda. Por exemplo, eu nem sigo muito, mas de vez em quando eu acompanho uma blogueira manauara que ela tem um filho, e depois outro, ela teve um filho atrás do outro. Também tem uma outra blogueira que teve um filho recentemente e está grávida de novo. E às vezes a internet torna algo perigoso por aquilo, de que tem pais que não conseguem ficar perto do filho, tem pais que trabalham e tal, mas eu também percebo que hoje em dia, eu sei disso porque tem um caso da família, de pais que estão 24 horas com o filho, mas só em presença. Mas é o tempo todo no celular e tal, e a criança aqui morrendo e você está lá postando te amo meu filho, uma foto bonita da criança e a criança ali, pelo amor de Deus, me dá atenção aqui, alguma coisa, né? Eu acho que tem muito disso e aí você vê que a internet conecta pessoas de várias classes sociais, então eu acho assim que aquela pessoa que não tem o entendimento legal, vai achar que é tranquilo ter um filho atrás do outro e tudo mais, sendo que tem um corpo às vezes não está nem preparado ali. Eles têm um acompanhamento com 1000 médicos, né? Tem um obstetra? Tem. Nutricionista tem, sei lá, uma rede de profissionais prontas para atender essas blogueiras, essas pessoas que tem, né, uma condição financeira boa. E a pessoa de classe baixa ou classe média, não é, diga nem de classe média alta, mas uma pessoa de classe média, ela não tem essa condição. A gente sabe o quão perigoso, e o quanto que o nosso corpo fica delicado depois de uma gestação e eu demorei, sei lá, uns 2 anos para meu corpo voltar ao normal.

Rhaenyra (Divorciada, entrevista realizada no dia 23 de maio de 2024)



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Heidegger (2015) compreende que o Dasein é um ser-lançado-no-mundo, sujeito às facticidades inerentes ao caminhar cotidiano pela vida. O que isso representa no que tange a essas mulheres? Que a mídia, continuamente, traz informações que, conforme percebemos em suas falas, são de extrema influência sob vários aspectos. Tanto que consideram as informações, em alguns momentos, paradoxais e propiciadoras de desencontros existenciais, resultando em um olhar de desconfiança acerca do que é trazido, principalmente, pelas redes sociais.

Bonow et al (2021) mostram como a pluralidade midiática no olhar de mães sobre a maternagem na época da pandemia, em que aludem ao fato de muitas mulheres não conseguirem perceber as várias dimensões do ser-mãe, em virtude do que a mídia expunha como o mais acertado, ou seja, o olhar dessas mulheres sobre si mesmas, sobre quem se tornaram e, principalmente sobre quem estão se tornando enquanto mães, passa por diferenciações a partir do que a estrutura midiática em que vivem traz como o “acertado”, “o correto” da maternagem. Corroborando com esse aspecto, Castro (2021) compreende como o olhar sobre mim mesmo pode sofrer duros ataques do exterior, propiciando um olhar a si mesmo sob o viés da distorção.

2.3 Os modos-de-influência

Como vimos na subcategoria anterior, a influência da mídia perpassa o dia a dia dessas mulheres, as que já vivenciaram a maternidade e aquela que ainda não experienciou essa fase. Os modos como a influência é vivenciada são trazidas por essas mulheres a partir de pontos de vista consentâneos e diferenciados:

Sob a informação, a pressão através dos nãos

Em coisas básicas assim, coisas básicas, em questão de uma “dorzinha” que tu não sabe o que pode ser, uma birra que teu filho faz começa a chorar que nem um doido, “eu mato ou eu dou um carinho, eu dou um abraço?” (risos), não sabe que fazer “né”, porque a minha



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

mãe se eu fosse fazer um show daquele ela ia me bater, mas assim a gente como a gente vai tentando ser melhor, a gente não bate na primeira vez, a gente tenta. Então essas coisas assim ajuda muito assim sabe, e você vê essas informações ajudam a gente a pensar um pouquinho, pensar antes de agir de alguma forma que a gente pudesse explodir porque, quando a gente vira mãe que a criança faz alguma coisa, assim sem noção, a gente explode de raiva mas assim, é uma raiva que a gente tá sentindo que a gente quer digamos assim, externar, tipo assim, quando tu bate, não é por que a criança merece a “peia” é por que tu quer explodir, tendeu? Tu quer bater pra se sentir aliviada daquela pressão que tu tem entendeu? **Mulher-Maravilha** (Casada, entrevista realizada no dia 21 de maio de 2024)

A informação que resulta no cansaço e esgotamento a partir da possibilidade de estar errada

Da maioria das coisas que eu vejo no tiktok, porque tem muito conteúdo legal de maternidade também, muito falando sobre educação positiva e tudo mais, mas essa maioria de conteúdo eu realmente acho assim um pouco problemática, porque afeta as mulheres querendo ou não e eu acho que afeta e muito, afeta realmente bastante e é isso [...] a mídia cada vez mais inflada de coisas e opiniões, então eu acho que influenciaria sim [...] Eu acho que a mídia na maternidade ela afeta de uma forma positiva por exemplo, assim, no nicho maternidade, eu acho muito maior ter muito conteúdo assim sabe, porque querendo ou não as mães elas se espelham às vezes, ela vê uma boa, uma outra forma de lidar com certas situações, e ela veja que ela não tá passando sozinha e tem outras mães passando também.. formas de educação, que tem muito na Internet hoje, conselhos, vídeos que mostram uma certa maternidade real também então eu acho muito legal tudo ser tão compartilhado [...] Mas também tem um lado que eu acho que afeta negativamente que é a romantização da maternidade e imagina, uma mãe que tá completamente cansada, assim exausta,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

esgotada, vendo na Internet um vídeo de uma mãe que fala que tá tudo bem e que não pode de jeito nenhum, não pode de jeito nenhum, por exemplo, ser grossa com os filhos, não que ser grosso seja algo plausível mas às vezes, certas relações humanas acontece e quando a gente expõem tanto que não pode que é proibido certas coisas, principalmente na maternidade que é um ambiente tão pesado pra mulher, acaba taxando como errada, como tudo que tu “tá” fazendo é errado, independente do tão cansada e esgotada tu esteja, você tem que aguentar. **Tiana** (Solteira, entrevista realizada no dia 07 de maio de 2024)

A massificação da maternidade e da maternagem

A filha dela, tipo assim, a xxxxxx e a filha dela, a diferença delas era de meses. A filha dela era um pouquinho mais velha, então muita coisa que ela introduzia ali na parte da introdução alimentar, aquela parte do desmame, que ela dava umas dicas eu acabava pegando. Então era bom por esse lado positivo, porque como tu falou, não estava assim tanto assim com essa massificação das redes sociais, não estava tanto naquela época. Tinha, mas não era tanto, hoje eu vejo que é uma coisa bem perigosa. Eu até estou fazendo um artigo justamente sobre isso que é sobre pais que expõem filhos nas redes sociais, né? Então eu, eu ficava muito assim, preocupada mais com isso, mas a na época para mim foi positivo. Não foi assim tão negativo, não [...] Acaba que às vezes até fico me sentindo um pouco mal, mas ela gosta dessa rotina. **Rhaenyra** (Divorciada, entrevista realizada no dia 23 de maio de 2024)

Produção de situações ansiogênicas

Há 15 anos, eh, as redes sociais elas não eram tão, não tinham tanta força. E durante a minha gravidez eu tive alguns problemas de saúde. E hoje, se fossem na realidade de hoje, eu, eu, eu conseguiria um apoio de informações melhores para lidar com aquilo para, eh, cuidar daquele estágio crítico. Por quê? Porque o acesso hoje é muito, é muito fácil. Você está na mão e você tem informações, você tem grupo de apoio, você tem



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

como tirar dúvidas, eh, com todo mundo, mas ao mesmo tempo, quando isso é desmedido, isso começa a te gerar ansiedade. **Fiona** (Casada, entrevista realizada no dia 21 de maio de 2024)

Fabris-Zavaglia, Vinsintin & Aiello-Vaisberg (2022) revelam em seu estudo que na contemporaneidade, amparada na imediatividade da informação, ou seja, da propositura da mídia, a infância é de total responsabilidade materna, gerando, com isso, uma série de consequências no existir dessas mulheres.

Nunes, Deslandes & Jannotti (2020) ao pesquisarem acerca da maternidade e maternagem de mulheres aprisionadas, constataram que as normas prisionais e as normas de cuidado se tensionam e convergem em uma dinâmica que busca beneficiar o bebê, sem deixar de punir a mulher. Dessa maneira, a experiência de maternagem na prisão atua como forma de reafirmar uma moralidade de gênero, definida no papel de boa mãe, elemento, largamente, produzido pela mídia.

No estudo sobre maternagem com mulheres multíparas, Silva, Pereira & Rodrigues (2022) os dados confirmaram resultados observados em pesquisas de autorrelato, indicando que a experiência prévia da maternagem favorece respostas mais efetivas tanto no início da interação como na retomada. Sendo a maternagem um comportamento aprendido, outros familiares podem igualmente desenvolver comportamentos de cuidado, compartilhando a alegria e a responsabilidade dos cuidados parentais. Contrapondo, neste caso específico, o que a mídia traz como juízo de valor, no sentido de que cabe, unicamente à mulher, o papel de responsabilização pelo crescimento e desenvolvimento infantil.

Heidegger (2015) nos chama a atenção para o fato de que, enquanto ser-no-mundo somos levados ao exercício da autenticidade, quando é necessário tomarmos cuidado com o que é proposto pelo entorno social - entenda-se aqui, a mídia - e, assim, não devemos nos deixar levar pelo viés das influências sofridas, o que é plenamente trazido pelas falas das participantes deste estudo.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Considerações finais

A maternidade e a maternagem são experimentadas e percebidas como uma vivência dolorosa, repleta de dificuldades, incertezas, pressões, julgamentos, abandonos, tristezas etc, mas também de alegrias, novas transformações, descobertas, possibilidades, potencialidades, perspectivas, saberes, sentidos, significados e sensações. Independente de ser bom ou ruim, compreendeu-se que ser-mãe é uma experiência inédita! Mesmo com estudos e preparações, a mulher que si percebe como mãe jamais poderia mensurar a pluridimensionalidade da vivência em si.

A mulher quando se torna mãe re-nasce, pois algo novo, muito além do imaginado, é posto em sua caminhada, movimentando-a a constituir-se como uma nova pessoa. Assim, ser-mãe mostrou-se como um mistério que, continuamente, leva à busca pelo seu descobrimento, ou melhor, des-velamento. Por ser uma vivência única e de cada mulher, muitas delas, especialmente, as mais jovens, não almejam mais serem mães como nas décadas passadas, por conta das facticidades que atravessam-nas na contemporaneidade.

Então, concluiu-se na pesquisa a pluridimensionalidade do olhar feminino acerca do tema, destacando-se que, mesmo com as poderosas influências do idílio midiático da maternidade e da maternagem, ser-mãe não é mais a realização do feminino, mas sim, um fragmento do ser-mulher, caso esta queira, não sendo mais uma obrigatoriedade, ou melhor, o ideal feminino visto e aceito pelas mulheres contemporâneas. Contudo, observou-se que tal fenômeno nasceu com as intermináveis lutas pelos direitos e dignidade do gênero feminino, ou seja, apresenta-se como um movimento contemporâneo que ainda passará por repressões midiáticas, sociais, históricas, culturais, políticas e econômicas, já que as distorções e idealizações são bastantes reais no mundo vivido das mulheres, as quais vivem, percebem, sentem e compreendem através de suas corporeidades.

Referências



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- Acharán, José Tomas Ossa (2014). Emoções no contexto da psicoterapia fenomenológica existencial. In Feijoo, Ana Maria Lopes Calvo de & Lessa, Maria Bernadete F. *Fenomenologia e Práticas Clínicas* – Edições IFEN.
- Baluta, Maria Cristina; Moreira, Dircéia (2018). A injunção social da maternagem e a violência. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, 2727(2): e48990. DOI: 10.1590/1806-9584-2019v27n248990.
- Bauman, Zygmunt (2001). *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Editora Zahar.
- Bernardino, Matheo (2021). Gênero como modalidade existencial. Estudos Teóricos ou Históricos - *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*. Vol. XXVII-01 | 47-55. DOI: 10.18065/2021v27n1.5.
- Bonow, Andrezza Julie; Henn, Tainá Aquino; Gastaud, Marina Bento; Narvaez, Joana Corrêa de Magalhães. Filhos da quarentena: Percepção de mães sobre o seu processo de maternagem e o desenvolvimento de seus filhos durante a pandemia. *Rev. Bras. Psicoter.*, Porto Alegre, 23(3), 85-104, 2021. DOI: 10.5935/2318-0404.20210047
- Castrp, Ewerton Helder Bentes de (2021). *Perspectivas em Psicologia Fenomenológico-Existencial: fazeres, saberes e possibilidades*. Editora Dialética.
- Dupond, Pascal (2010). *Vocabulário de Merleau-Ponty*. Tradução Claudia Berliner; revisão técnica Homero Santiago. Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- Fabris-Zavaglia, Marina Miranda; Visintin, Carlos Del Negro; Aiello-Vaisberg (2022) Tânia Maria José. Maternagem de filhos com dificuldades graves de desenvolvimento. *Psico*, Porto Alegre, v. 53, n. x, p. 1-12, jan.-dez. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2022.1.37103>
- Frankl, Viktor Emil (2021). *A falta de sentido: Um desafio para a psicoterapia e a filosofia*. Tradução de Bruno Alexander; edição e introdução de Alexander Batthyány — 1ª ed. - Editora Auster, 2021.
- Frankl, Viktor Emil (1984). *Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração*. Tradução Carlos C. Aveline. Le Livros.
- Frankl, Viktor Emil (2022). *Sobre o sentido da vida*. Tradução de Vilmar Schneider. Vozes.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Giorgi, Amedeo; Souza, Daniel (2010). *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Editora Fim do Século.

Glitz, Silvia Regina & Fengler, Sonia Aparecida da Costa (2018). *A maternidade e a mulher na contemporaneidade*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ.

Gradwohl, Silvia Mayumi Obana; Osis, Maria José Duarte; Makuch, Maria Yolanda (2014). *Maternidade e Formas de Maternagem desde a Idade Média à Atualidade*. Pensando Famílias, 18(1), jun, (55-62).

Heidegger, Martin. *Ser e tempo* (2015). Tradução revisada e apresentação de Marcia Sá Cavalcante; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 10. ed. – Vozes.

Manganaro, Patrizia (2016). Fenomenologia da Relação: a pessoa humana em Edith Stein. Juruá, 116p.

Meira, Janderson; Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023). O abuso sexual na infância e adolescência, a corporeidade silenciada: relato de experiência no plantão psicológico. *AMazônica – Revista de Psicopedagogia, Educação e Psicologia Escolar* vol 16, nº 1, jan/jun, p. 91-111.

Melo, Daniel Marcio Pereira (2020). *Clínica do ato: por uma fenomenologia do corpo em psicoterapia*. Juruá.

Merleau-Ponty, Maurice (2011). *Fenomenologia da Percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura – 4ª ed. – Editora WMF Martins Fontes.

Merleau-Ponty, Maurice (2014). *O visível e o invisível*. Tradução José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. Perspectiva.

Minayo, Maria Cecília de Souza (org.) (2015). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. ed. Vozes.

Nunes, Livia Rangel de Christo; Deslandes, Suely Ferreira; Jannotti, Claudia Bonan (2020). Narrativas sobre as práticas de maternagem na prisão: a encruzilhada da ordem discursiva prisional e da ordem discursiva do cuidado. *Cad. Saúde Pública*; 36(12):e00215719. DOI: 10.1590/0102-311X00215719

Pereira, Denis Guimarães & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2019). Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa. In: Castro, Ewerton



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Helder Bentes de (Org.) *Práticas de pesquisa em psicologia fenomenológica* – Appris, p.15-32.

Sila, Ana Flávia de Sousa; Japur, Camila Cremonesi & Penaforte, Fernanda Rodrigues de Oliveira (2020). Repercussões das Redes Sociais na Imagem Corporal de Seus Usuários: Revisão Integrativa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, v. 36, e36510. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e36510>

Silva, Marcelo Gonçalves da; Pereira, Veronica Aparecida; Rodrigues, Olga Maria Piazzentin Rolim (2021). *Investigações Sobre a Maternagem: Comparando Mães Multíparas e Primíparas na Interação Mãe-Bebê*. *Pensando Famílias*, 25(2), dez. (224-238).

Stellin, Regina Maria Ramos; Monteiro, Camila Fonteles d'Almeida; Albuquerque, Renata Alves; Camara Marques, Cláudia Maria Xerez (2021) Processos de construção de maternagem. Feminilidade e maternagem: recursos psíquicos para o exercício das maternagens em suas singularidades. *Revista Ártemis*, vol. XXXI nº 1; jan-jun, p. 56-72.

Tomaz, Renata (2015) Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 29, p. 155-166, jun. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542015120031>.

Recebido: 12.12.2024

Aprovado: 20.12.2024

Publicado: 01.01.2025

Autores

Atália Maria Schaecken Silva

Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Vice-Diretora de Extensão da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: ataliamssilva@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6578-3243>



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Ewerton Helder Bentes de Castro

Pós-Doutor em Psicologia e PhD em Psicologia pela FFCLRP/USP. Mestre em Educação – PPGE/UFAM. Graduado em Psicologia pela FAPSI/Ufam. Graduado em Odontologia pelo Curso de Odontologia/Ufam. Especialista em Odontologia em Saúde Coletiva – Ufam. Especialista em Odontogeriatrics/CFO. Especialista em Psicologia Hospitalar/IPEMIG. Especialista em Psicologia Forense/IPEMIG. Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial – Labfen/Ufam. Líder do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial, certificado pelo CNPq. Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – Lapfe/Ufam. Membro do GT Fenômenos psicológicos e saúde – ANPEPP. E-mail: ewertonhelder@ufam.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0009-https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>